



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JARLINE KATIANE SOARES DE PONTES

INCLUSÃO SOCIAL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS

CUITÉ-PB

2017

JARLINE KATIANE SOARES DE PONTES

**INCLUSÃO SOCIAL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande Campus Cuité-PB como
requisito básico para a conclusão do
Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas.**

Orientadora Prof.^a Dr.^a. Letícia Caporlândia Giesta

CUITÉ-PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

P814i Pontes, Jarline Katiane Soares de.

Inclusão social na escola Estadual de Ensino Fundamental André Vidal de Negreiros. / Jarline Katiane Soares de Pontes. – Cuité: CES, 2017.

37 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2017.

1. Educação inclusiva. 2. Inclusão social - escola. 3.
Formação de professores. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 376

JARLINE KATIANE SOARES DE PONTES

**INCLUSÃO SOCIAL NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Licenciada.

Aprovada em // _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Leticia Caporlândia Giesta (Orientadora)

UFCG/CES

Prof.^a Msc. Caroline Zabendzala Linheira

UFCG/CES

Prof. Msc. Samuel Andrade do Nascimento

UFCG/CES

A minha mãe Maria de Fatima, por toda dedicação, carinho e muito amor. Durante toda a minha vida, me guiando para percorrer os caminhos certos, e por todos incentivos nos momentos difíceis que passamos, compartilhando todas nossas conquistas juntas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que ele me concedeu, por estar sempre ao meu lado, me iluminando, dando força e abençoado meus caminhos, colocando pessoas maravilhosas em minha vida.

Agradeço a minha família e meu namorado, pelo carinho e paciência que tiveram e continuam tendo comigo, mesmo nos meus momentos mais estressantes. Em especial a minha mãe que é uma guerreira e que não mediu esforços para que eu chegasse nesta etapa da minha vida.

A professora Letícia Caporlândia, por ter me acolhido como orientanda em um momento muito frágil em que me encontrava, me orientando com muita dedicação e por ser tão atenciosa, buscando sempre conhecer as minhas limitações.

Aos meus amigos que são poucos, mas que fazem a diferença por serem verdadeiros, a Jhonantan por sempre estar disposto a me ajudar e por me fazer dar as gargalhadas mais sem noção que já dei em minha vida.

A todos que torceram e acreditaram nos meus sonhos e que contribuíram direta e indiretamente para o meu aprendizado, em especial as minhas mães postizas Sônia e Graça, meu padrinho Ademir, meus irmãos e meu Padrasto. A todos vocês todo meu sincero agradecimento. Amo vocês.

"Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido." Jó 42:2

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para o debate e a reflexão do papel da escola e de professores de ciências da Escola Estadual Vidal de Negreiros, sobre a Inclusão, na perspectiva do desenvolvimento de uma prática pedagógica de transformação. Para atingir este objetivo foram realizadas entrevistas com professores de ciências, a diretora e a professora da sala de recursos desta escola. A abordagem do estudo se deu de forma qualitativa. Como resultados percebe-se a preocupação da escola em lidar da melhor forma possível com os alunos com necessidades, alguns com baixa visão, outros com incapacidade parcial ou total de audição, identificando dificuldades e conquistas neste trabalho.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Formação de Professores.

ABSTRACT

The present work aims to contribute to the debate and reflection on the role of the school and science teachers of the Vidal de Negreiros State School, on Inclusion, in the perspective of the development of a pedagogical practice of transformation. To achieve this goal, interviews were conducted with science teachers, the director and the teacher of the resource room of this school. The approach of the study was qualitative. The results show the school's concern to deal with students with disabilities, some with low vision, others with partial or total hearing impairment, identifying difficulties and achievements in this work.

Keywords: Inclusive Education; Teacher training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO.....	12
2. OBJETIVOS.....	15
3.1 GERAL	15
3.2 ESPECÍFICOS.....	15
3. REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	16
4. METODOLOGIA	19
5. RESULTADOS.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

A estrutura das sociedades, desde os seus primórdios, sempre inabilitou as pessoas com necessidades especiais privando-os. O trabalho de inclusão implica em projeto de estruturação progressiva e mudança significativa, é difícil pensar que pessoas são excluídas do meio social devido suas características físicas. O meu interesse sobre Inclusão Social surgiu a partir da observação da atitude de algumas pessoas ao compartilharem um mesmo ambiente social com crianças e adolescentes deficientes ou com maior necessidade de atenção por parte de cuidadores.

Percebi, em um trabalho que realizo, que pessoas não se sentem confortáveis a interagir diante dessas diferenças, manifestando receios, cuidados exagerados, incertezas quanto a atitudes a serem tomadas no trato com essas pessoas dificultando a convivência. Para o desenvolvimento do trabalho, busca-se responder alguns questionamentos: é possível uma prática pedagógica de qualidade, de maneira que realmente inclua as crianças e lhes propiciem uma aprendizagem eficaz na rede regular de ensino?

Vejo que ainda temos uma cultura onde algumas pessoas ainda tenham atitudes de receios no trato com as diferenças o que me fez pensar se as formas com que a educação inclusiva acontece nas escolas poderia alterar os olhares da população frente às diferenças e isso me fez querer mostrar que é possível construir nas escolas uma nova cultura, que aceite que a aprendizagem abre as portas para novas aprendizagens, para novos meios, novas metodologias. Com a Educação Inclusiva não é diferente, o professor se que “despir” de seus conceitos e abrir os braços para receber os alunos sem preconceitos, trará um novo universo para a realidade, universo esse que precisa de tempo para conhecermos melhor, para ser reconhecido sem medos e anseios, uma vez que a educação é direito de todos e deve ser oferecida para todos.

A ideia do trabalho ocorreu no período do meu estágio II, onde tive o primeiro contato com a Escola Estadual Vidal de Negreiros e posteriormente com a “sala de inclusão”, então senti curiosidade em saber mais sobre a finalidade desta sala. Assim, depois do término do estágio II, decidi visitar a escola novamente para a realização de um estudo mais detalhado sobre o tema inclusão na escola. Procurei verificar que ações eram ali desenvolvidas e se, de alguma forma, visava atender crianças com dificuldades de

aprendizagem e/ou com necessidades especiais e se este espaço na escola tem proporcionado um bom trabalho junto a alunos, pais e professores. Ao chegar à escola, fui recepcionada por profissionais desta, que me prestaram informações para fundamentar esta pesquisa.

Penso que um dos caminhos mais certos para a Educação Inclusiva talvez seja a afetividade e o envolvimento de todos, já que junto ao professor deverá haver um apoio material e humano.

Cito como exemplos de preconceito que algumas crianças sofrem na escola, os apelidos grosseiros dados a eles, quando um ou mais alunos xingam, agredem fisicamente ou acabam por isolar aquele colega que nem sempre tem habilidades emocional ou física para lidar com a situação das agressões. Essas atitudes costumam ser motivadas pela falta de conhecimento sobre deficiências, sejam elas quais forem, e, na maioria, pelo preconceito trazido de casa.

Determinada vez pude ver pais retirando seus filhos de um local por não querer que dividissem o espaço com uma criança com necessidades especiais. Tal atitude me chocou de uma forma absurda. Tive o prazer de conversar com uma mãe e explicar que não existia mal nenhum os dois dividirem o mesmo espaço, que apesar da necessidade o outro era uma criança normal.

Em outros momentos pude observar e conviver com pessoas que tem necessidades especiais, o que me fez despertar um monte de curiosidades, tais como: será que estudam? Como são em sala de aula? Será que os coleguinhas aceitam eles? E os professores, como lidam com essas situações? estes professores têm formação para oportunizar atendimento adequado às especificidades destas deficiências? eu, como professora ou como cidadã, poderia fazer algo para essas pessoas com necessidades especiais? São vários questionamentos e muitos deles sem respostas, então comecei a ler sobre Educação Inclusiva, o que me fez ficar mais interessada, a ponto de querer trazer o tema para a minha realidade, observando, como futura professora da disciplina de Biologia, se me encontro apta para receber esses alunos.

Os desafios para o professor de Biologia, na inclusão desses alunos com deficiência no ensino regular, algo tido como complexo, no entanto não acho que seja impossível, como afirma Diaz et al (2009, p. 75):

Quanto à questão da formação dos professores para educação inclusiva, dois grandes temas caracterizam a opinião das participantes sobre o assunto: tanto elas demandam uma formação específica, isto é, informações gerais sobre as deficiências, quanto salientam a importância de uma formação que desenvolva uma “visão da inclusão”, ou seja, a aceitação das diferenças, o respeito à singularidade [...]

A preparação do professor não necessita somente de ações destinadas à Educação Inclusiva, precisa refletir sobre seus conceitos com relação aos alunos com deficiências, possibilitando que novas ideias surjam em sua metodologia. Assim, aqui se fundamenta um estudo que intenta, com seus resultados, incitar a discussão do tema Educação Inclusiva na formação do professor para dar um bom atendimento a alunos com deficiências.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Contribuir para o debate e a reflexão sobre o papel da escola e de professores de ciências da Escola Estadual Vidal de Negreiros, na perspectiva do desenvolvimento de uma prática pedagógica de transformação.

2.2 ESPECIFICOS

- Perceber os limites de professores de ciências da Escola Estadual Vidal de Negreiros, e suas possibilidades diante de dificuldades apresentadas para a inclusão escolar.
- Observar a estrutura da escola, identificando a percepção dos professores de ciências diante dos objetivos e das possibilidades oferecidas pela “sala de inclusão”.
- Analisar práticas desenvolvidas na escola com relação a perspectivas de atendimento a alunos com deficiências.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

A proposta de inclusão social de alunos com necessidades especiais, no ensino regular, é garantida pela legislação Educacional Brasileira. Contudo, a inclusão social com garantia de direitos e qualidade de educação ainda é um sonho a ser alcançado, um caminho a ser construído, para o qual várias mudanças serão necessárias.

A Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), uma das mais significativas em relação à inclusão de pessoas com NEE (Necessidades Educativas Especiais), assegura o direito dos alunos com NEE de frequentar a escola, preferencialmente a rede regular de ensino e ressalta o dever do estado em oferecer e garantir esse acesso, fazendo com que sejam propostas técnicas e formas de se programar estudos propostos na referida declaração.

A Declaração de Salamanca (1994, p. 09) partiu do seguinte pressuposto:

As escolas regulares com orientação para a educação inclusiva, são o meio mais eficaz no combate às atitudes discriminatórias, propiciando condições para o desenvolvimento de comunidades integradas, base da construção da sociedade inclusiva e obtenção de uma real educação para todos [...].

Entretanto, para que a inclusão ocorra de fato, a escola precisa fazer alterações na sua prática, nos currículos, no projeto político pedagógico e, principalmente, na sua postura, na sua forma de tratar e se relacionar com os alunos. Uma das maiores dificuldades no ensino dos alunos com NEE está na relação com o professor. O professor, por não ter preparo adequado para lidar com esse aluno, acaba perdido sem saber como ensinar, se sentindo muitas vezes incapaz ou traz consigo o pensamento de que o aluno não é capaz de aprender (CARVALHO, 2010).

Desta maneira, podemos ver que é possível proporcionar um ensino de qualidade que consiga atender a todos, mesmo que para alguns seja “difícil”. Deve-se procurar ter uma aceitação, para que dentro da sociedade tenhamos igualdade para com todos.

A exclusão é algo existente e inacabável, algo que qualquer pessoa pode fazer, mesmo sem notar, alguma coisa que se deve policiar nos próprios atos e também dos alunos. Por isso deve-se tentar reconhecê-la, para tentar evitá-la (Selau, 2007 p.119).

Para Selau (2007), não é possível se falar em grupos de educação inclusiva sem que se refira à afetividade estabelecendo um vínculo de carinho e compreensão sobre suas limitações. A educação deve estar atenta a isto, pois as pessoas necessitam de afetividade e isso também é uma forma de colaboração, pois sem ela não é possível estabelecer um vínculo com a criança dita especial.

Segundo Driver et al (1999 apud REIS E SILVA, 2012), o papel do professor de ciências, vai além de organizar o processo pelo qual os indivíduos geram significados sobre o mundo natural, ele deve ser o mediador entre o conhecimento científico e o aluno, ajudando-o a conferir sentido pessoal à maneira como as afirmações do conhecimento são geradas e validadas.

Logo, para que ocorra um bom ensino de Biologia ou qualquer outra disciplina, é fundamental que haja preparo dos professores, da escola, no geral a participação de todos nesse processo tão delicado e importante.

Pereira (2006, p. 12) complementa da seguinte forma:

(...) torna-se relevante o estudo, tanto social quanto educacional, dos processos de atendimento dispensados a esses indivíduos no decorrer da história, sem nos atermos unicamente às questões relacionadas a sua aceitação ou exclusão no ambiente escolar, mas também a outros fatores que são determinantes para a efetivação da proposta inclusiva, como métodos e práticas pedagógicas, recursos humanos e material, formação e capacitação docente, entre outros.

A inclusão vai muito além do que as pessoas pensam, ela não pode ser tida como uma nova prática que veio para substituir os modelos de ensino que tínhamos antes, e sim uma adaptação para favorecer o próprio ensino, garantindo assim a qualidade para todos. Com o passar dos anos, observamos que há um aumento de alunos com deficiência nas escolas.

As pesquisas afirmam que entre 2005 e 2015, o salto foi equivalente a 6,5 vezes, de acordo com o Censo Escolar, do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o total subiu de 114.834 para 750.983 alunos especiais que convivem com os demais alunos, o aumento captado no estudo reflete, de acordo com especialistas, sobretudo mudanças na legislação (TENENTE; 2016).

É reconhecível o aumento de crianças com deficiência nas escolas, porém precisamos de mais, não podemos esperar que essas crianças se adaptem ao nosso sistema e sim que nós transformemos as escolas em lugares acolhedores. Porém, apesar dessa porcentagem crescente de crianças com deficiência nas salas de aula, existem dificuldades: excesso de alunos por sala, onde a dificuldade de comunicação fica maior; falta de estrutura adequada; falta de materiais; preparação do professor, são alguns dos obstáculos.

Perrenoud (1993) explicita que há necessidade de reformulações na formação inicial do professor de ensino básico. Ele aponta para uma grande dose de idealismo nestes cursos e para o fato de que grande parte do que se aprende não é possível ser aplicado na prática, visto que muitos formadores desconhecem a realidade da sala de aula, das escolas e do sistema educacional. Porém, não existem receitas acabadas, mesmo porque cada educando é único, assim como são únicas as diferentes situações de aprendizagem.

Discutir a necessidade de formação do professor para realizar esse trabalho é sem dúvida muito importante.

É preciso estimular a conscientização de todos os envolvidos, sem distinção de classe, gênero, nem raça, para que assim a escola torne-se aberta às diferenças sem nenhum tipo de preconceitos.

[...] Pensar na Educação Inclusiva como uma possibilidade de construção de uma sala de aula melhor na qual alunos e professores sintam-se motivados a aprender juntos e respeitados nas suas individualidades, parece que realmente pode vir a ser um progresso na história da educação brasileira (ARANHA, SILVA; 2005, p.4).

Incluir não é simplesmente levar uma criança com deficiência a frequentar o ensino regular. A inclusão é uma conquista diária para a escola, para a criança e para seus pais. Todo dia é um dia novo na inclusão (FACION, 2008, p. 203).

A falta de conhecimento por partes do meio social, dos familiares e recursos de apoio, faz com que a imagem de uma pessoa com deficiência seja considerada uma doença crônica ou um problema a ser resolvido, transformando as pessoas com deficiências intelectuais ou físicas em seres incapazes, havendo uma dificuldade de aceitação do diferente.

A inclusão é fundamental para a formação de uma sociedade democrática, onde o respeito a diferença e igualdade para todos traz uma ruptura da exclusão.

Não tem como haver inclusão se não tiver transformação nas concepções e ações pedagógicas e não há inclusão absoluta se esta transformação não for contínua.

4. METODOLOGIA

Este estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental André Vidal de Negreiros que está situada na Rua Caetano Dantas Correia, 222 no centro da cidade de Cuité, no Curimataú Paraibano. A escola foi criada no ano de 1942 através do Decreto nº. 337 de 22 de dezembro de 1942 com o nome de Grupo Escolar Vidal de Negreiros na administração do então interventor federal Rui Carneiro Samuel Duarte, como parte integrante do seu plano de renovação do ensino do Estado da Paraíba. A escola tem em 2017 trinta e três turmas, incluindo cinco de EJA (Educação de Jovens e Adultos), possui dez salas de aulas e uma sala de recurso, a intenção dessa sala é atender com qualidade alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados nas classes comuns do ensino regular, dispõe de um espaço livre e arborizado que é utilizado para recreação.



Imagem 2: Sala de Recursos Multifuncional (Foto Autoral)

A pesquisa e as atividades foram realizadas com a colaboração da professora regente de Inclusão e alguns professores de biologia. Ocorreram em 5 passos com duração de 4 meses desde a revisão teórica até a entrega do trabalho, conforme exposto a seguir;

Quadro 1: Cronograma de atividades

Atividades/ Semanas	Primeiro passo (OUT)	Segundo passo (NOV)	Terceiro passo (FEV)	Quarto passo (FEV)	Quinto passo (MAR)
Revisão teórica	X	X	X	X	X
Visita à Escola		X	X	X	X
Entrevista com Direção			X		
Entrevistas com Professores de Biologia/ Entrevista com a Professora da sala de Recursos.				X	X
Organização dos dados			X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas foram realizadas com a professora da sala de recurso e três professores da Biologia, no turno matutino, durante duas semanas com três encontros durante o mês de março de 2017, não podendo haver mais encontros por causa de uma paralização durante a semana.

Nas entrevistas foram feitas as seguintes perguntas: Qual a maior dificuldade do professor de Biologia perante a inclusão? Como a sala age com a presença do aluno tido como especial e se eles sofrem bullying, Como é a participação dos Pais dos alunos inclusos?

Para a professora de inclusão as perguntas foram: Os pais são presentes nesse processo de inclusão dos filhos? Quais as dificuldades que a escola enfrenta para manter esses alunos? Como é a frequência deles nas aulas?

5. RESULTADOS

Os resultados serão representados e analisados a partir de cada passo proposto no quadro 1.

Visita a escola

A visita à Escola Estadual de Ensino Fundamental André Vidal de Negreiros aconteceu para conhecer a escola, sua estrutura, investigar alguns conceitos defendidos pelos professores e suas opiniões acerca da situação em que se encontra e de possíveis alterações no projeto de Inclusão, sendo avaliada as condições atuais de aprendizagem e suas concepções.

Desde a primeira visita fui bem recebida e prontamente aceitaram conversar comigo sobre o assunto, mostrando alguns trabalhos já realizados na escola, falando sobre as dificuldades enfrentadas por partes de alguns professores e alunos na sala regular.

Desde o primeiro encontro e com os diálogos, buscou-se refletir sobre a visão dos professores sobre o conceito da inclusão.

A escola conta com uma grande área de lazer onde em alguns momentos foi observado as crianças no intervalo, como elas interagem entre si.

Entrevista com a direção

A entrevista com a direção ocorreu com o intuito de levantar dados a respeito do número de alunos inclusos, a sua frequência escolar e também a interação dos pais junto a estes.

Porém a direção achou mais eficaz que se conversasse com a professora específica da sala de recurso, segundo ela, por a professora ter mais contato direto com os alunos e pais dessas crianças seria melhor.

Entrevista com os professores de Biologia

Neste passo, os professores relataram a sua relação diária com os alunos inclusos, qual o comportamento destes com os colegas de classe e suas dificuldades em como lidar com as situações na sala de aula. Os professores da sala regular, relataram um desconforto no trato didático-pedagógico com os alunos inclusos, uma vez que eles não sabem como agir como eles.

Para que a identificação dos entrevistados seja mantida em sigilo, foi utilizada um número representando cada entrevistado.

“Me sinto um pouco impotente quanto ao aluno especial, até porque não sei um método para tratar ele, para fazer com que ele consiga aprender.” (Prof. 1).

“Tenho muita dificuldade em trabalhar com eles, além de que dou aula de ciências mas não sou Bióloga e sim Química, eles não interagem nos trabalhos e nem fazem sozinhos. Em outra sala tem um com pouca visão, não sei trabalhar com ele, tudo que peço para fazer ele não faz.” (Prof. 3).

“A inclusão deve ser trabalhada melhor em sala de aula, não só na sala, mas em todo o contexto envolvendo essa temática. Normalmente em seus comportamentos eles se mantêm um pouco excluído perante a turma, eles não têm uma boa inclusão com os demais colegas da turma.” (Prof. 4).

Notou-se que ainda é bastante difícil para esses professores trabalharem os conteúdos da disciplina ou manterem um comportamento adequado para a aprendizagem dos alunos em sala, uma vez que os docentes não estão preparados e instruídos adequadamente para lidar com essas situações. Em outro momento, conversamos sobre o *bullying*, saber se os alunos sofrem preconceito, se são excluídos pelos colegas e eles relataram:

“Não, pelo menos dentro da sala, a gente que tem que estar no pé dele, porque ele é muito inquieto, conversa bastante e ele que faz bullying com os outros.” (Prof. 1).

“Não, nenhum dos 2 sofrem preconceito na minha sala.” (Prof. 3).

“Ainda existe a questão do bullying, é tanto que eles ficam com piadas, fazem brincadeiras, pra eles são normal, mas para a pessoa que tem deficiência são brincadeiras que baixam sua autoestima.” (Prof. 4).

Questionados sobre se a formação para o professor de Biologia precisaria de algo mais específico sobre a inclusão, eles relataram que muito ainda tem que ser mudado e que a realidade é outra. Em seguida, falando sobre o processo de inclusão na escola, mostraram bastante insatisfação com alguns métodos realizados para o aluno passar de ano.

“Somos recomendados ou tem-se o hábito de ir passando de ano.” (Prof. 1).

“Eu acho que sim, precisamos focar mais nessa área da inclusão dos alunos, mas a realidade é outra, na sala tem quase 40 alunos e ter que dar uma atenção especial pra um é muito complicado, precisaria de atenção em tempo integral, como um monitor para ele ou ele ir para a sala de recursos.” (Prof. 1).

“Existe uma barreira muito complexa para ser quebrada, o curso da nossa formação não oferece um conteúdo com abordagem significativa sobre inclusão social. Então quando nos deparamos com alunos com deficiência em sala, a gente sente muita dificuldade, é preciso a gente recorrer a professores que já trabalharam com esses alunos, e a partir daí conseguir trabalhar um convívio social com você e esse aluno.” (Prof. 4).

“Não acho satisfatório o processo de inclusão, pois não, inclui, no momento que o aluno só passa de ano sem ter ao menos feito uma tarefa.” (Prof. 3).

Perguntados sobre se os professores precisam formar cidadãos críticos, sensíveis e que independente de qualquer coisa devam amar ao próximo, responderam:

“Sim, concordo plenamente, até tivemos um curso antes das aulas falando sobre isso. Eu em sala tento instigar meus alunos a terem senso crítico, a pesquisar, trazer coisas para acrescentar nas aulas, tento fazer uma aula mais debatida, do que uma aula onde só falo e eles escutam, o processo é lento, mas de vez enquanto eles me surpreendem.” (Prof. 1).

Na própria diretriz de funcionamento das escolas, fornecidas pela Secretaria de Educação do Estado deixa bem claro que o principal objetivo da escola é a formação de cidadãos críticos, ou seja, todos nós professores devemos estar em comum acordo de que não é papel apenas repassar conteúdos para os alunos, conteúdos pre- definidos, mas acima disso, temos que despertar a curiosidade, o interesse, para que futuramente eles sejam cidadãos e além de cidadãos eles conseguirem fazer uma auto-reflexão tornando assim cidadãos críticos. Claro que existem professores que não compactuam dessa metodologia, mas eu acho que é uma ferramenta fundamental, principalmente nos dias atuais em que as desigualdades sociais de alunos dentro de uma sala de aula são imensas, onde a violência dentro das salas está aumentando. Então, acho que essa formação crítica dos alunos seria uma alternativa para tentar combater esses índices e assim contribuir na cidadania tanto no cotidiano da escola, quanto fora perante a sociedade.” (Prof. 4)

Os professores ainda relatam que enfrentam dificuldades em relação com pais, uma vez que, eles não procuram os professores do ensino regular para saber sobre seus filhos.

"A visão da família é que a escola funciona como um depósito, ou seja, a família coloca o aluno dentro da escola e a escola é responsável por resolver todos os problemas. E não é essa visão que a família deve ter, tem que estar numa só sintonia: escola, aluno, professores e família. A família deve desempenhar o papel fundamental, então a gente sente essa carência, sente falta dessas famílias de alunos especiais procurando a escola com mais frequência." (Prof. 4).

"Tem alguns pais que nem se importam com os filhos, para se livrar deles mesmo." (Prof. 1).

Entrevista com a professora da sala de Recursos

O diálogo ocorreu de maneira informal, onde a professora relatou várias histórias que ela conviveu com os alunos, fatos isolados onde a escola e os professores não conseguem chegar. Em todos os momentos ela falou sobre a falta de compreensão dos colegas de trabalho, e da família dos alunos, muitas vezes ela precisa explicar que a sala de Recursos não é uma sala de reforço, onde eles pedem para os alunos fazer as atividades que eram para serem feitas na sala de aula regular.

O objetivo da sala de Recurso é prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular.

Questionada sobre a participação dos pais dos alunos inclusos ela relatou que:

“A maioria deles, pelo menos na sala de recursos, eles são presentes, alguns a minoria é que não vem muito a escola e que a gente tem que estar sempre buscando eles, pra saber informações, mas a maioria é presente, participam principalmente quando fazemos projetos. Eles sempre estão aqui para nos apoiar.” (Profª. 2).

Falando sobre a frequência e a dificuldade de manter esses alunos na sala regular e na sala de recursos ela garantiu que:

“É um desafio, tanto na sala regular quanto aqui na sala de recurso. Primeiro existe até por parte de alguns pais mesmo, a aceitação de que trabalho é feito, quando eles sabem como a gente está fazendo esse trabalho, aí realmente eles fazem com que as crianças venham para a escola, e os professores da sala regular reclamam muito que não existe um apoio técnico. A gente trabalha num horário oposto aqui, mas na sala regular os professores realmente ficam sozinhos.” (Profª. B2).

“Alguns são assíduos, vêm realmente, e tem alunos que faltam. Tem que estar sempre dizendo: olha o horário, não pode faltar. E outros faltam porque fazem uso de remédios e antidepressivos que dão sono, então acabam faltando mais na sala de recursos.” (Prof^a. B2).

Segundo a professora da sala de recursos, esse ano a escola foi contemplada com um interprete de libras para auxiliar nas aulas, o que está facilitando a comunicação dos professores com os alunos que são surdos. Ainda segundo ela, os professores estão bastante entusiasmado e estão até procurando aprender com ele a se comunicar, o que para ela é muito gratificante, uma vez que antes eles não procuravam meios de interagir com os alunos, considerando assim um avanço e um reconhecimento maior. Até o entendimento e interesse dos alunos surdos melhorou.

Conversando acerca dos métodos da escola sobre as atividades e avaliação desses alunos, uma vez que os outros professores falaram que eles não são avaliados como os outros, ela relatou:

“Eu acho que é um método de elevar a autoestima deles, já pensou se eles ficam retidos com crianças menores que vão chegando e eles tudo grandes? Eles têm que ter pelo menos a faixa etária deles, dar essa chance a eles, mesmo com as dificuldades e com suas limitações, eu acho importante.” (Prof^a. 2).

O contato das crianças com necessidades especiais com as demais crianças é muito importante, não se pode excluir esse momento. É muito importante para eles se socializarem na sala regular e na vida. Questionada se é de seu conhecimento o *bullying* entre os alunos, ela respondeu:

“Alguns, outros são até solidários, mas o bullying existe, eles colocam apelidos, a gente tem que estar sempre falando, chegando nos alunos, porque os alunos com necessidades especiais reclamam, então quando se tem oportunidade vou até a sala e falo com os alunos e chamo a atenção. A gente tem que falar sobre a deficiência do aluno e sobre o respeito, mas é muito difícil porque temos que estar sempre batendo na mesma tecla”. (Prof^a. 2).

“Essa é uma geração muito violenta, eu percebo não só nos corredores dessa escola mas nas demais também, muitas vezes, ele tem a informação, mas mesmo assim não tem respeito. Já vi muitos professores passando mal aqui, são fatos isolados que acontecem. Educar é um ato de amor, e se não tiver esse paralelo vai ser difícil.” (Profª. 2).

“Às vezes é uma revolta que vem de casa, alguma coisa que vem acontecendo e o reflexo acaba vindo pra escola, e eu noto o sofrimento de alguns professores... Eu quero fazer um trabalho que a inclusão também entre e mostrar pra eles que nós somos iguais.” (Profª. 2).

A direção da escola apoia a professora de modo que ela se sinta livre para criar seus métodos de ensino sobre o contato que ela tem com os alunos inclusos.

“Quando a gente vem pra essa sala de Recurso e pode ver as dificuldades, a gente percebe que não somos nada, diante de tantas coisas, tantos depoimentos de mães que lutam por um benefício para seus filhos, que precisam de ajuda.” (Profª. 2).

Seguindo a conversa ela nos relatou a história de uma mãe que briga com as autoridades da cidade, por auxílio para o transporte e assim fazer o acompanhamento médico do filho em Campina Grande-PB. E deixa bem claro que vai lutar pelo direito do filho até o fim.

Ainda na entrevista a professora da sala de Recursos relatou que as palavras machucam, e que os outros professores precisam ter cuidado nas palavras e em como falar com eles. Eles têm que ser tratados como as outras crianças, muitas vezes chegou a ela através dos alunos que alguns professores dizem que eles não sabem, são incapazes e que eles não vão conseguir. Como educador você tem que ter outro olhar, mas alguns professores não ligam para isso, outros a procuram atrás de ideias de como montar uma atividade adequada para os alunos, e quando dá certo eles ficam muito felizes porque eles conseguiram fazer a tarefa. Todos somos capazes de realizar novos métodos, basta a gente querer mudar. Ver os alunos conseguindo ultrapassar alguns desafios é muito gratificante.

“Eles não estão na estaca zero, eles conseguem falar em público quando participam de alguma coisa, eles chegam até me ensinar algumas coisas no computador.” (Profª. 2).

Todos somos iguais, independente das nossas limitações, alguns com mais habilidades para uma relacionada coisa, e outros com habilidades em outras áreas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a educação inclusiva foi muito interessante, pois foi possível perceber as limitações dos professores de biologia perante a prática relacionada ao tema e como eles lidam com este fato. A partir deste trabalho pude fazer com que os professores assumissem seus medos e suas possíveis incapacidades de trabalhar com crianças que tenham necessidades especiais, uma vez que eles não falavam sobre o assunto. De acordo com as entrevistas, posso afirmar que apesar dos professores se acharem incapazes de lidar com os alunos especiais, eles buscam compreender as suas necessidades e relatam que necessitam de mais capacitação, sendo a comunicação seu principal desafio.

De acordo com Mantoan (2002),

O motivo que sustenta a luta pela inclusão como uma nova perspectiva para as pessoas com deficiência é, sem dúvida, a qualidade de ensino nas escolas públicas e privadas, de modo que se tornem aptas para responder às necessidades de cada um de seus alunos, de acordo com suas especificidades, sem cair nas teias da educação especial e suas modalidades de exclusão.

Na escola que se desenvolve o projeto de inclusão não se pode deixar nenhum indivíduo de fora, visando reverter o percurso da exclusão. O momento é de refazer a educação escolar, de usar novos métodos, ferramentas e quebrar paradigmas. Procurando sempre manter uma relação com os pais das crianças, fazendo com que eles também se interessem com os crescimentos desenvolvidos por seus filhos na escola. A coragem de mudar e fazer a diferença é importante, e talvez até essencial, para a realização de metas e a superação de desafios.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S. SILVA S.C. **Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.11, n.3, p.4, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Inclusão: revista da educação especial, v. 4, n 1, Setembro/Março 2017. Brasília: MEC/SEESP, 2017.

BRASIL: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Projeto Escola Viva. Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – Alunos com necessidades educacionais especiais.** Brasília: MEC/SEESP, 2000. V. 5 Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/dados-do-censo-escolar-indicam-aumento-de-matriculas-de-alunos-com-deficiencia>>. Acesso em 12 de março de 2017.

BRIANT, M.E.P.; OLIVER, F.C. **Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações** Revista Brasileira de Educação Especial. Edição Vol.18 No.1: São Paulo, 2012. [Acesso em: 20 de Nov 2017]. Disponível em: <[Http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382012000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382012000100010)>

CARVALHO, E. R. **Escola inclusiva:** a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2010.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Enquadramento da Ação: Necessidades Educativas Especiais.** In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso e Qualidade - UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

DÍAZ, F., et al., orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 354 p. ISBN: 978-85-232-0651-2. Available from scielo Books <<http://books.scielo.org>>.

FACION, J. R. **Inclusão escolar e suas implicações.** 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

FERANDES, Dária Ferreira. Inclusão Escolar: **A socialização no ambiente escolar.** Revista Ciclo do conhecimento. Disponível em: <centraldeinteligenciaacademica.blogspot.com.br> Acesso em: 06, de dezembro de 2016.

GLAT, ROSANA; FERNANDES, EDICLÉIA MASCARENHAS. Título: **da educação segregada à educação inclusiva:** uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira, Rio de Janeiro, nº 1, 6, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Cotidiano Escolar. – 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MILLAR, Robin. **Currículo de ciências voltado para a compreensão por todos.** Revista Ensaio. vol. 5. Out 2003.

MONTEIRO, Ana Paula Húngaro; Eduardo José, Manzini. **Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe.** Revista Brasileira de Educação Especial. Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial - ABPEE, v. 14, n. 1, p. 35-52, 2008. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/11449/30112> >.

MANTOAN, M.T.E. **Caminhos pedagógicos da inclusão**(2002). Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>.> Acessado em 14/03/2017.

PERRENOUD. Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: Perspectiva sociológicas.** Lisboa: Nova Enciclopédia,1993.

PERRENOUD, P; THURLER, M.G. **As competências para ensinar no século XXI: A formação de professores e o desafio da avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

REIS, E. S; SILVA, L.P. **O ensino das ciências naturais para alunos surdos: concepções e dificuldades dos professores da escola Aloysio Chaves – Concórdia-PA.** Revista do EDICC (Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura), v. 1, out/2012.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão: o paradigma do século 21.** Revista da Educação Especial – Out\2005.

SELAU, Bento. **Inclusão na Sala de Aula.** Porto Alegre: ed. Evangraf, 2007.119p.

TENENTE, Luiza. **Total de alunos especiais em escolas comuns, cresce 6 vezes em 10 anos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao>> Acesso em: 06, de dezembro de 2016.

VILLELA, Tereza Cristina Rodrigues; LOPES, Silvia Carla; QUERREIRO, Elaine Maria Bessa Rabello. **Os desafios da inclusão escolar no século XXI,** 2013. Disponível em:< <http://www.bengalalegal.com/desafios/>>. Acesso em: 15 de fev. 2017.

ANEXOS



Imagem 1: Sala de recursos (Foto Autoral)



Imagem 3: Sala de Recursos Multifuncional (Foto Autoral)



Foto 4: Confeção de cartazes (Imagem cedida)

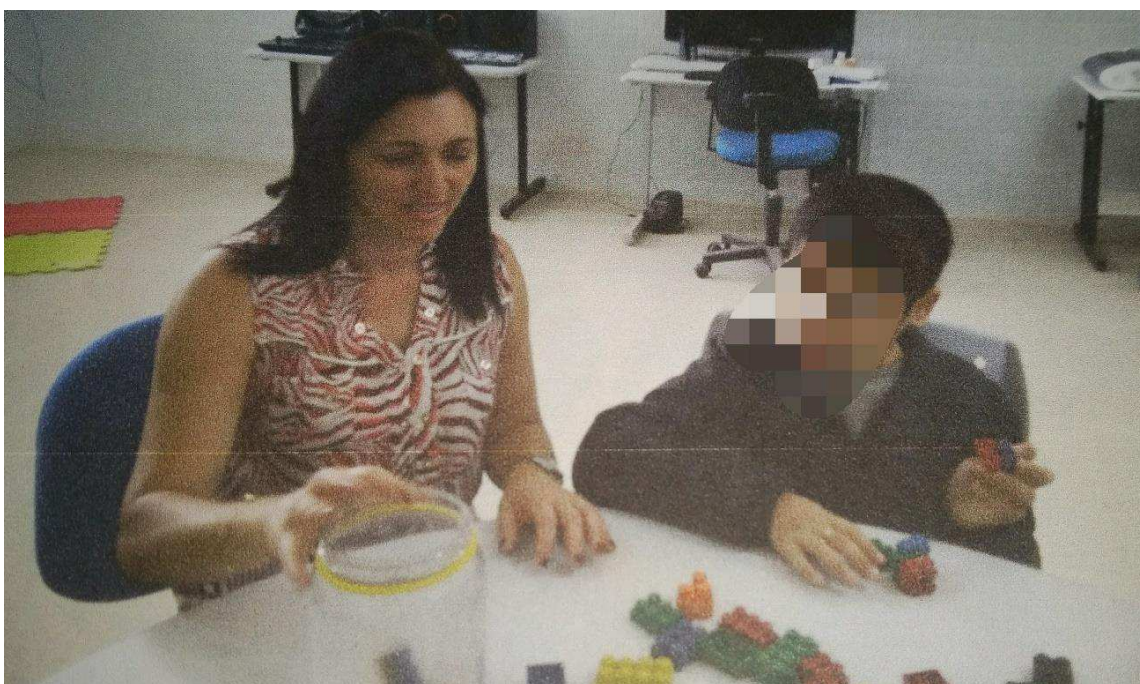


Foto 5: Desenvolvimento da percepção tátil- Aluno com Cegueira (Imagem cedida)

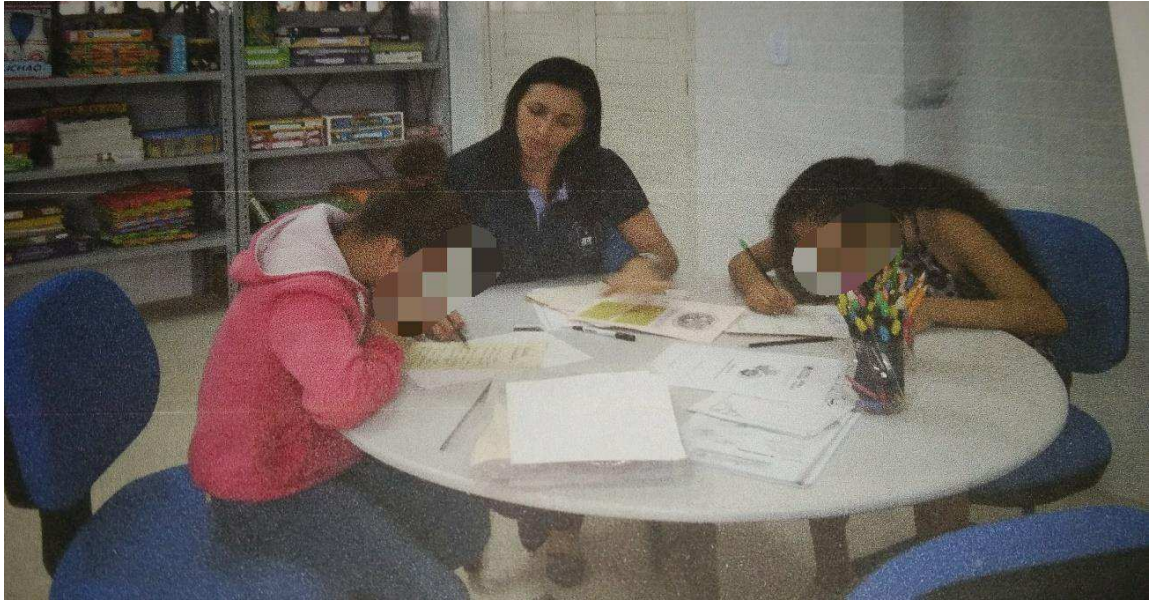


Imagem 6: Trabalhando a leitura com letras de Músicas (Imagem cedida)

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ
PARA FINS DE PESQUISA**

Eu, _____,
autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *Inclusão social na Escola de Ensino Fundamental André Vidal de Negreiros*, sob responsabilidade de *Jarline Katiane Soares de Pontes*, juntamente a Orientadora Prof^a. Dr^a. *Leticia Caporlândia Giesta* vinculado(a) ao/à *Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde – UFCG/CES*

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para *análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas, atividades educacionais. E as transcrições do que foi dito por mim podem ser usadas em publicações e apresentações acadêmicas ou de divulgação científica.*

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão e rádio, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cuité, ____ de _____ de 2017